

Medicina integrativa no brasil: Revisão crítica das definições e aplicações

Integrative medicine in Brazil: A critical review of definitions and applications

Medicina integrativa en Brasil: Una revisión crítica de definiciones y aplicaciones

Recebido: 04/08/2025 | Revisado: 16/08/2025 | Aceitado: 17/08/2025 | Publicado: 18/08/2025

José Roberto Mateus da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6067-1442>
Instituto Sophia de Ciência e Tecnologia, Brasil

E-mail: jrm@gap.com.br

Monica Kristina Sampaio Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2261-8376>
Instituto Sophia de Ciência e Tecnologia, Brasil

E-mail: monica@gap.com.br

Bruno Crepani

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8098-6604>
Universidade Anhembi Morumbi, Brasil

E-mail: bruno.crepani@hotmail.com

Mariana Vitória da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4838-9565>
Instituto Sophia de Ciência e Tecnologia, Brasil

E-mail: mariana@gap.com.br

Carlos Rocha Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8634-2850>
Universidade Federal de São Paulo, Brasil

E-mail: carlos.rocha@unifesp.br

Resumo

Introdução: No Período Arcaico, a saúde era ligada à religião, enquanto no Período Clássico surgiram divindades da cura e prevenção. Evoluiu-se para modelos biomédico, processual, sistêmico e, no século XXI, para a medicina integrativa, que associa abordagens convencionais e alternativas, tratando o paciente de forma holística. **Objetivo:** Realizar uma revisão sistemática da literatura sobre a Medicina Integrativa no Brasil, investigando definições, práticas e desafios associados à sua implementação. **Métodos:** A revisão seguiu os critérios PRISMA. Foram realizadas buscas nas bases SciELO, PubMed, BVS e Google Acadêmico, com os descritores combinados: 'medicina integrativa', 'bem-estar', 'qualidade de vida' e 'longevidade'. Foram identificados 12.618 estudos, dos quais 14 atenderam aos critérios de inclusão e foram analisados integralmente. **Resultados:** As definições de Medicina Integrativa variam entre abordagens voltadas às práticas alternativas e complementares e propostas que integram tais práticas à medicina convencional. Observou-se uma ênfase crescente na centralidade do paciente e na utilização de terapias baseadas em evidência. **Conclusão:** Apesar da diversidade conceitual, a Medicina Integrativa tem se consolidado como estratégia promissora de atenção integral à saúde no Brasil, alinhando-se a políticas públicas como as Práticas Integrativas e Complementares do SUS.

Palavras-chave: Medicina integrativa; Qualidade de vida; Bem-estar; Longevidade.

Abstract

Introduction: In the Archaic Period, health was tied to religion, while in the Classical Period, deities of healing and prevention emerged. It evolved into biomedical, procedural, systemic models, and in the 21st century, into integrative medicine, combining conventional and alternative approaches to treat patients holistically. **Aim:** To conduct a systematic literature review on Integrative Medicine in Brazil, investigating definitions, practices, and implementation challenges. **Methods:** The review followed PRISMA guidelines. Searches were conducted in SciELO, PubMed, BVS, and Google Scholar, using combined descriptors: 'integrative medicine', 'well-being', 'quality of life', and 'longevity'. A total of 12,618 records were found; 14 studies met inclusion criteria and were fully analyzed. **Results:** Definitions varied, ranging from complementary and alternative practices to integrated models combining conventional and complementary approaches. A growing emphasis on patient-centered care and evidence-based interventions was noted. **Conclusion:** Despite conceptual divergence, Integrative Medicine is emerging as a promising health strategy in Brazil, in line with public policies such as the SUS Integrative and Complementary Practices program.

Keywords: Integrative medicine; Quality of life; Well-being; Longevity.

Resumen

Introducción: En el Período Arcaico, la salud estaba ligada a la religión, mientras que en el Período Clásico surgieron deidades de curación y prevención. Evolucionó hacia modelos biomédicos, procedimentales y sistémicos, y en el siglo

XXI, hacia la medicina integrativa, que combina enfoques convencionales y alternativos para tratar a los pacientes de forma holística. Objetivo: Realizar una revisión sistemática de la literatura sobre Medicina Integrativa en Brasil, investigando definiciones, prácticas y desafíos de implementación. Métodos: La revisión siguió las directrices PRISMA. Se realizaron búsquedas en SciELO, PubMed, BVS y Google Scholar, utilizando descriptores combinados: 'medicina integrativa', 'bienestar', 'calidad de vida' y 'longevidad'. Se encontró un total de 12.618 registros; 14 estudios cumplieron los criterios de inclusión y fueron analizados en su totalidad. Resultados: Las definiciones variaron, abarcando desde prácticas complementarias y alternativas hasta modelos integrados que combinan enfoques convencionales y complementarios. Se observó un énfasis creciente en la atención centrada en el paciente y las intervenciones basadas en la evidencia. Conclusión: A pesar de la divergencia conceptual, la Medicina Integrativa se perfila como una estrategia de salud prometedora en Brasil, en consonancia con políticas públicas como el programa de Prácticas Integrativas y Complementarias del SUS.

Palabras clave: Medicina integrativa; Calidad de vida; Bienestar; Longevidad.

1. Introdução

No Período Arcaico da Grécia Antiga, o processo saúde-doença era influenciado pela religião, sendo responsabilidade dos deuses e do equilíbrio da “energia vital” mantida por fatores externos, como alimentação e água. Logo depois, iniciou-se o Período Clássico, em que há o início de um afastamento da religião (Fiorini & Manso, 2021). Nesse momento, há o Deus da saúde, Esculápio, e suas duas filhas, Panaceia e Higeia, que eram consideradas, respectivamente, a deusa da cura, que representa o modelo individual da medicina, e a deusa da harmonia com o ambiente, que retrata a prevenção das doenças (Ceballos et al., 2016). Nos dias atuais, isso é chamado de modelo mágico-religioso (Castro, Andrade & Muller, 2006; Silva e Barros, 2002).

Em seguida, criou-se o modelo biomédico, em que há uma preocupação com a patogenicidade, o diagnóstico e a cura, sem foco com a prevenção. Em 1976, Leavell e Clark desenvolveu o modelo processual, o qual se baseia nos estímulos socioambientais e relacionais, que acarretam em respostas pelo organismo, sendo que o desfecho pode ser a cura, a sequela ou a morte (Barros, 2002). Mais tarde, criou-se o modelo sistêmico de saúde em que os fatores socioeconômicos, culturais e ambientais são estreitamente relacionados com o processo patológico (Ceballos et al., 2016; Barros, 2002; Silva e Barros, 2002).

A medicina integrativa surge no início do século XXI, buscando associar os modelos médicos e tratar os pacientes, não só de maneira convencional, mas também com uma abordagem alternativa, tratando a pessoa como um todo e não apenas a doença (OPAS, 2017; SALA et al. 2003). A partir disso, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define esse ramo médico como um conjunto de práticas em saúde multicultural que entende o paciente de maneira integral para atuar promoção da saúde, prevenção e recuperação. Enquanto, o Sistema Único de Saúde (SUS) a coloca agrupada nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) e tem o mesmo objetivo proposto pela OMS (Ministério da Saúde, 2024; Einstein, 2025; OPAS, 2017).

O objetivo do presente estudo é realizar uma revisão sistemática da literatura sobre a Medicina Integrativa no Brasil, investigando definições, práticas e desafios associados à sua implementação.

2. Metodologia

O presente trabalho é de natureza qualitativa em relação às discussões sobre os artigos e quantitativa em relação à quantidade de artigos selecionados (Pereira et al., 2018) e, utiliza a revisão bibliográfica sistemática integrativa (Crossetti, 2012) sobre a medicina integrativa no Brasil, por meio de pesquisa descritiva, com o propósito de identificar e analisar o que há de concordância e discordância a essa prática.

Esta revisão sistemática foi conduzida com base nas diretrizes PRISMA. A pergunta de pesquisa seguiu o modelo PICO ampliado, considerando:

P (População): população brasileira e literatura científica nacional e internacional;

I (Intervenção): Medicina Integrativa aplicada ao contexto de saúde;

C (Comparação): diferentes concepções e aplicações do termo na literatura;

O (Desfecho): definições, práticas e contribuições para a saúde pública.

2.1 Coleta de Dados

Após uma busca generalizada sobre a medicina integrativa no Brasil, delimitou-se a revisão para aqueles que não a colocam como parte da medicina holística. Com isso, utilizaram-se os seguintes termos para a pesquisa: medicina integrativa, longevidade, bem-estar e qualidade de vida de forma combinada.

A partir de uma pesquisa qualitativa, foram consultados artigos através da Scientific Electronic Library Online (SciELO) [<http://www.scielo.org>], PubMed (<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov>), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/?hl=pt>). Para cada uma das referências selecionadas, foram classificados os métodos e técnicas de cada um dos artigos, conforme descrito adiante. O período de pesquisa iniciou-se em 10 de fevereiro de 2025 e finalizou-se em 26 de março de 2025, e foram considerados resultados em português, em espanhol e em inglês.

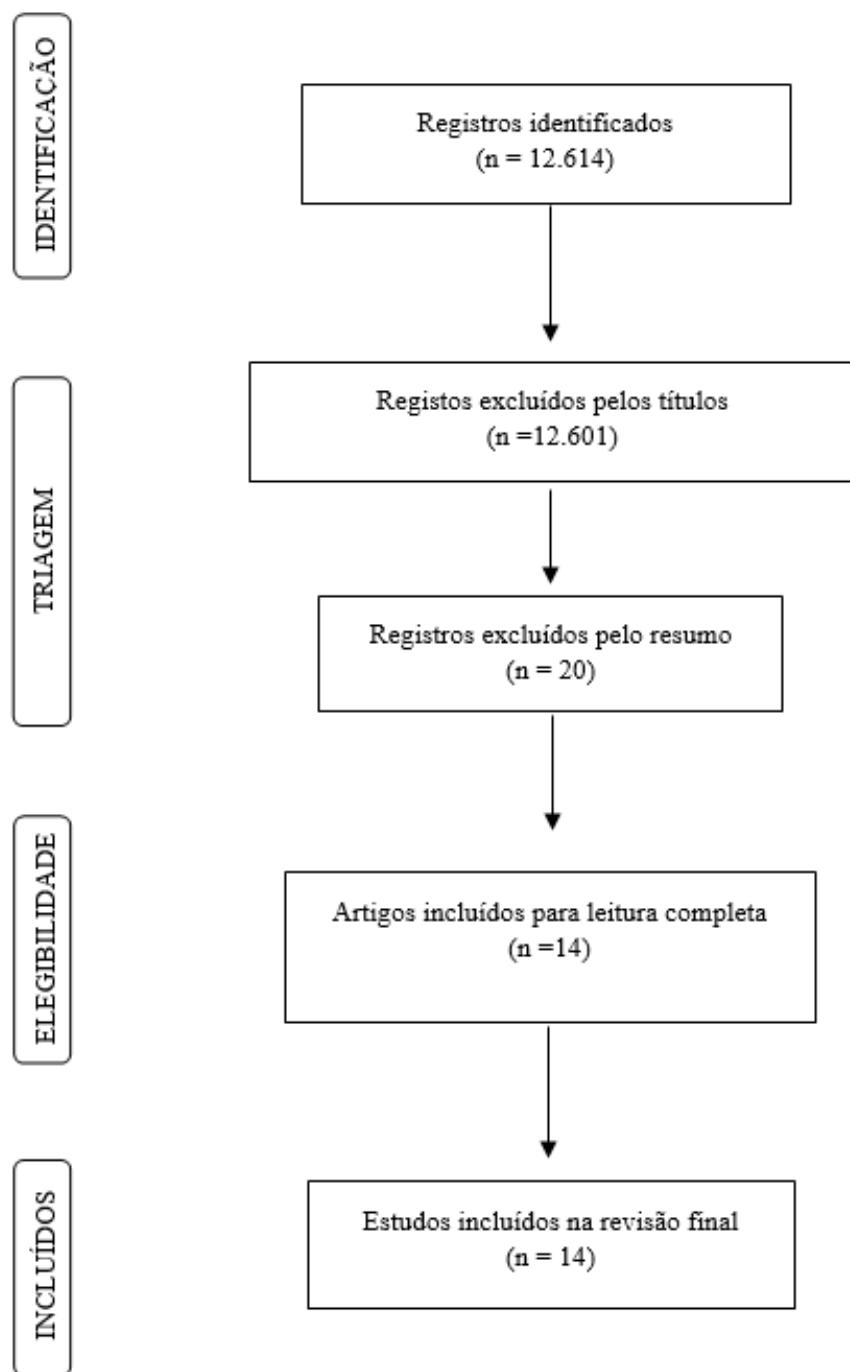
2.2 Seleção dos Dados

A pesquisa sobre medicina integrativa recuperou inicialmente 12.618 artigos em todas as plataformas consultadas, como Google Acadêmico, BVS, SciELO e PubMed. Desses, 12.613 artigos foram excluídos com base em critérios predefinidos. Primeiramente, adotou-se um recorte temporal considerando apenas artigos publicados nos últimos 10 anos (2015–2025), a fim de garantir a atualidade da revisão. Em seguida, 12.601 artigos foram excluídos por não estarem alinhados à pergunta da pesquisa após análise dos títulos, como estudos com modelos animais, uso do termo "integrativa" como metodologia ou abordagens não relacionadas à medicina integrativa em humanos. Artigos repetidos em diferentes bases de dados foram removidos para evitar duplicatas, assim como resumos, resenhas, notas prévias, editoriais e artigos incompletos, que não atendiam aos critérios de inclusão. Além disso, 20 artigos foram excluídos após análise dos resumos por estarem associados a temas como medicina holística, sem relação direta com a medicina integrativa. Após essa triagem criteriosa, 14 artigos foram selecionados para leitura integral e incluídos na revisão.

Para a análise dos textos, foram realizadas as seguintes etapas: pesquisa e seleção dos artigos científicos mais relevantes para o tema; leitura de cada artigo a fim de localizar as ideias centrais e abordagem dos autores; identificação dos pontos de concordância e discordância entre os estudos; fichamento dos artigos selecionados; e produção escrita da síntese interpretativa. Por fim, estabeleceu-se uma relação entre os temas abordados nos artigos e a fundamentação teórica do estudo.

Depois de analisar o conteúdo dos artigos, definiu-se uma relação entre os temas e a bibliografia para a realização desse estudo (Figura 1).

Figura 1 - Fluxograma PRISMA da seleção dos estudos.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

3. Resultados e Discussão

Esse trabalho teve como objetivo realizar uma síntese sobre a definição empregada para a Medicina Integrativa desde a sua criação como modelo médico, devido a sua importância na medicina atualmente. Neste sentido, o Quadro 1 reúne os artigos selecionados a partir dos critérios de inclusão propostos na metodologia utilizada para a elaboração desta revisão.

Quadro 1 - Características dos estudos incluídos na revisão.

Autor	Ano	Tipo de estudo	Conclusão
Kligler et al.	2004	Editorial	União da medicina tradicional com a medicina alternativa, baseando-se em evidências científicas e considerando o paciente em todos os aspectos.
Schiff et al.	2005	Editorial	Considera a pessoa como um todo e utiliza de terapias alternativas e mudança de estilo de vida para obter a cura de uma desordem.
Otani & Barros	2008	Revisão sistemática da literatura	Grau de ambiguidade no uso do termo Medicina Integrativa para os autores. Alguns acreditam que ela é apenas uma Medicina Complementar e Alternativa, porém prevalecerá a noção de um novo campo de saúde que vai de encontro ao conceito do início da década de 2000.
Kracik et al.	2020	Estudo observacional de delineamento transversal	População tem interesse em saber sobre a Medicina Integrativa, porém os médicos apresentam dificuldade em conceituá-la, muitas vezes devido a ambiguidade do termo, uma vez que ainda há confusão entre as práticas integrativas e o modelo médico que busca individualizar o atendimento.
Salomão & Militão	2021	Revisão sistemática da literatura	Apresentou um foco em práticas integrativas e complementares, como fitoterapia, ioga, meditação, oração.
Nogueira et al.	2019	Estudo transversal	Utiliza o conceito associado às práticas integrativas e complementares do SUS na prevenção de doenças e promoção da saúde.
Menigoz et al.	2019	Revisão sistemática da literatura	Os autores consideram a Medicina Integrativa como algo que associa melhora no estilo de vida e nutrição, que em conjunto com os hábitos de vida e relações interpessoais atuam na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis.
Teut & Ortiz	2021	Editorial	O artigo utiliza ambos os conceitos de Medicina Integrativa e os associa a uma melhora da longevidade.
Robinson	2011	Revisão sistemática da literatura	Defende o uso da Medicina Integrativa e das práticas complementares e alternativas baseada em evidências no modelo médico tradicional de cuidado.
Maizes V, Rakel D, Niemiec C	2009	Editorial	Medicina Integrativa como forma de cuidado centrado no paciente utilizando abordagens de estilo de vida e terapias alternativas baseadas e evidências.
Katz	2015	Editorial	Medicina Integrativa como uma forma de prevenção de doenças.
Maureen	2015	Editorial	Medicina Integrativa como um cuidado contínuo, centrado no paciente e na medicina baseada em evidências.
Fan	2017	Editorial	Medicina Integrativa como um ramo holístico, que utiliza práticas complementares para a promoção de saúde.
Hughes	2001	Revisão sistemática da literatura	Prática com foco na prevenção e promoção da saúde, em que o paciente está no centro do cuidado. Não coloca a doença como protagonista.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Os modelos médicos são mutáveis de acordo com a população, os aspectos culturais e o período histórico (Otani e Barros, 2011). Atualmente, o modelo mais prevalente na região ocidental é o biomédico, o qual se pauta em uma ideia individualista e é centrado na doença e no médico como especialista (Barros, 2002; Ceballos, 2016). Para esse modelo, saúde é apenas a ausência de doença (Cruz, 2021) e não só deixa de considerar os aspectos bio-psico-socio-ambientais do indivíduo, algo que, no mundo globalizado, impacta no processo de saúde e doença da comunidade, mas também o novo perfil epidemiológico de morbimortalidade. Diante disso, para atender as novas necessidades das pessoas, surgem novos modelos alternativos.

No início da década de 1960, surge um desses modelos, a Medicina Integrativa, que naquela época era identificada apenas como práticas alternativas em saúde, por exemplo, yoga, meditação e terapia de florais (Otani & Barros, 2011; Easthope, 2003). No entanto, no início da década de 2000 o termo foi ampliado e passa a ser definido como um conjunto de

terapias convencionais, complementares e alternativas com o objetivo de analisar o paciente considerando seus aspectos genéticos, biológicos, psicossociais, nutricionais e espirituais, com foco na saúde e não na doença. Além disso, o paciente assume o papel principal no processo de prevenção, proteção e, eventualmente, de cura de uma doença, associado à Medicina Convencional e da Medicina Alternativa e Complementar utilizando a medicina baseada em evidências (Otani & Barros, 2011; Foley, 1999; Rees & Weil, 2001; Easthope, 2003).

O médico integrativo deve ser capaz de realizar a prescrição de vitaminas e suplementos, e de aconselhar com relação aos aspectos nutricionais sempre com o alvo na prevenção de doenças e na melhora da qualidade de vida20.

Atualmente, a Medicina Integrativa ainda é empregada com suas definições, a depender do contexto em que se utiliza.

Medicina Integrativa como Medicina Alternativa

Dos artigos revisados nesse trabalho, sete deles afirmam que Medicina Integrativa faz parte das práticas alternativas e complementares, que consiste em tratar doenças com fitoterapia, aromaterapia, biodança, ostéopatia, entre outros. Ademais, esses autores também consideram o paciente de maneira holística, em que considera todos os contextos bio-psico-socio-ambientais no processo de saúde, adoecimento e cura.

Medicina Integrativa como união da Medicina Alternativa com a Medicina Tradicional

Já os artigos restantes, os autores defendem que a Medicina Integrativa como uma fusão de modelos médicos, em que o paciente está no centro e participa do cuidado, utilizando-se medidas de mudança de estilo de vida associadas às práticas alternativas e complementares baseadas em evidência para a promoção da saúde, e no manejo e na prevenção de doenças.

4. Conclusão

Diante da análise dos artigos, infere-se que, apesar da ambiguidade do uso do termo Medicina Integrativa, as definições são complementares, mesmo que, entre os autores, haja essa diversidade do emprego do termo.

As práticas alternativas e complementares são essenciais para o manejo das doenças, bem como para a promoção da saúde e prevenção de agravos. Da mesma forma que as práticas médicas que estudam e percebem o ser humano como um todo em associação a uma mudança de estilo de vida também se associam ao processo de saúde e de doença.

Essas vertentes quando juntas e baseadas em evidência podem conseguir uma série de benefícios ao paciente.

Referências

- Almeida Filho, N. & Rouquayrol, M. Z. (2006). Modelos de saúde e doença. In: Almeida Filho, N. & Rouquayrol, M. Z. Introdução à epidemiologia. (4ed). Guanabara Koogan.
- Barros, J. A. C. (2002). Pensando o processo saúde-doença: a que responde o modelo biomédico? *Saúde e Sociedade*. 11(1):67-84. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902002000100008>.
- Brasil. (2024). Ministério da saúde. Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics>.
- Castro, M. G., Andrade, T. M. R. & Muller, M. C. (2006). Conceito mente e corpo através da história. *Psicologia em estudo*. 11(1), 39-43. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000100005>.
- Ceballos, Albanita Gomes da Costa de. Modelos conceituais de saúde, determinação social do processo saúde e doença, promoção da saúde, 2016. https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/3332/1/2mod_conc_saude_2016.pdf.
- Chambliss, L. R. (2001). Alternative and Complementary Medicine: An Overview. *Clinical Obstetrics and Gynecology*. 44(4): 640-52. https://Journals.lww.com/clinicalobgyn/citation/2001/12000/alternative_and_complementary_medicine_an.4.aspx.
- Crossetti, M. G. O. (2012). Revisão intergrativa de pesquisa na enfermagem: o rigor científico que lhe é exigido. *Revista Gaucha de Enfermagem*. 33(2), 8-13. <http://hdl.handle.net/10183/94920>.
- Cruz, M. M. (2021). Concepção de saúde-doença e o cuidado em saúde. http://www5.ensp.fiocruz.br/biblioteca/dados/txt_14423743.pdf.

- Dalen, J. E. (2005). How can a conventionally trained physician support Integrative Medicine? *Alternative Therapies*. 11(1):10-1. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15712758/>.
- Easthope, G. (2003). Alternative, complementary or integrative? *Complement Ther Med*. 11(1):2-3. [https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12667968//](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12667968/).
- Einstein (2025). Medicina integrativa. Website Einstein. www.einstein.br/especialidades/hematologia/atendimento-consultas/medicina-integrativa.
- Eut, M. & Ortiz, M. (2021). Integrative Medicine and Ageing. *Complementary Medicine Research*. 28(5), 383–6. <https://karger.com/cmr/article/28/5/383/822201/Integrative-Medicine-and-Ageing>.
- Fan, D. (2017). Holistic integrative medicine: toward a new era of medical advancement. *Frontiers of Medicine*. 11(1), 152–9. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28044221/>.
- Fiorini, L. R. & Manso, M. E. G. (2021). A prática médica na Grécia Antiga e a influência da mitologia no processo de cura. *Brazilian Journal of Health Review*. 4(4), 1849–509. doi: 10.34119/bjhrv4n4-318. <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/35341>.
- Foley, C. (1999). Patient demand for integrative medicine. *Minn Med*. 82(5):50-1. em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9QPwFdccDdPTSb633rbJVBq/abstract/?format=html&lang=en>.
- George, M. (2015). Integrative medicine is integral to providing patient-centered care. *Annals of Allergy, Asthma & Immunology*. 114(4), 261–4. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4387087/>.
- Hughes, E. F. (2001). Overview of complementary, alternative, and integrative medicine. *Clinical Obstetrics and Gynecology*, 44(4), 774–779. <https://doi.org/10.1097/00003081-200112000-00008>
- Katz, D. L. (2015). Preventive Medicine Training. *American Journal of Preventive Medicine*. 49(5), S219–S221. [https://www.ajpmonline.org/article/S0749-3797\(15\)00419-5/fulltext](https://www.ajpmonline.org/article/S0749-3797(15)00419-5/fulltext).
- Kligler, B., Maizes, V., Schachter, S., Park, C. M., Gaudet, T., Benn, R., Lee, R. & Remen, R. N. (2004). Education Working Group, Consortium of Academic Health Centers for Integrative Medicine. Core competencies in integrative medicine for medical school curricula: a proposal. *Acad Med*. 79(6):521-31. doi: 10.1097/00001888-200406000-00006. PMID: 15165971. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15165971/>.
- Kracik, M. L. A., Pereira, P. M. B. & Iser, B. P. M. (2019). Medicina Integrativa: um parecer situacional a partir da percepção de médicos no Sul do Brasil. *Saúde em Debate*. 43(123), 1095–105. <https://www.scielosp.org/article/sdeb/2019.v43n123/1095-1105/pt/>.
- Maizes, V., Rakel, D. & Niemiec, C. (2009). Integrative Medicine and Patient-Centered Care. *EXPLORE*. 5(5), 277–89. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19733814/>.
- George, M. (2015). Integrative medicine is integral to providing patient-centered care. *Annals of Allergy, Asthma & Immunology*, 114(4), 261-264.
- Nogueira, M. C. et al. (2019). Prevalência de uso de práticas integrativas e complementares e doenças crônicas: Pesquisa Nacional de Saúde 2019. *Ciência & Saúde Coletiva*. 29(9). <https://www.scielo.br/j/csc/a/g5DgdCfcVxKPvSyT66b3svc/?lang=pt>.
- Menigoz, W. et al. (2019). Integrative and lifestyle medicine strategies should include Earthing (grounding): Review of research evidence and clinical observations. *EXPLORE*. 16(3). <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31831261/>.
- OPAS. (2017). Medicinas tradicionais, complementares e integrativas. <https://www.paho.org/pt/topicos/medicinas-tradicionais-complementares-e-integrativas>.
- Otani & Barros. (2011). A Medicina Integrativa e a construção de um novo modelo na saúde. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000300016>.
- Pereira, A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free ebook]. Santa Maria. Editora da UFSM.
- Rees, L. & Weil, A. (2001). Integrated medicine: imbues orthodox medicine with the values of complementary medicine. *BJM*. 322(7279):119-20. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC1119398/>.
- Robinson, N., Lorenc, A., & Lewith, G. (2011). Complementary and alternative medicine (CAM) professional practice and safety: A consensus building workshop. *European Journal of Integrative Medicine*, 3(2), e49-e53. <https://doi.org/10.1016/j.eujim.2011.05.011>
- Sala et al. (2003). Fundação Medicina e Humanidades Médicas. 2003. https://fundacionletamendi.com/revista-pdf/Revista_Humanitas_2.pdf.
- Salomão, O., Ludmila, E. & Militão, M. (2024). Os avanços da medicina integrativa: uma revisão sistemática. Cap. 12. In: Desenvolvimento Científico e Tecnológico no Brasil: Interdisciplinaridade. P. 180-93. Stricto Sensu Editora. <https://sseditora.com.br/wp-content/uploads/12-OS-AVANCOS-DA-MEDICINA-INTEGRATIVA-UMA-REVISAO-SISTEMATICA.pdf>.
- Schiff, E., Kim, Y. H. & Maizes, V. (2005). Vegetative states--an integrative approach. *Altern Ther Health Med*. 11(1):26-33. PMID: 15712763. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15712763/>.
- Silva, J. B. & Barros, M. B. A. (2002). Epidemiologia e desigualdade: notas sobre a teoria e a história. *Rev PanamSaludPublica /Pan Am J Public Health*. 12(6), 375-83. <https://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v12n6/a05v12n6.pdf>.
- Templeman, K. & Robinson, A. (2011). Integrative medicine models in contemporary primary health care. *Complementary Therapies in Medicine*. 19(2), 84–92. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21549259/>.